

A (re)produção do estereótipo nas piadas: sobre os sentidos do humor

Elaine Maria Rocha

Resumo: O objetivo deste trabalho é lançar um olhar reflexivo sobre o processo discursivo de produção/reprodução de estereótipos sobre o sujeito homossexual veiculado através das piadas. Como corpus, serão analisados textos de piadas cuja temática retrata atitudes e práticas ligadas a um “modo de vida gay”. A análise será referendada teoricamente pelos estudos do Sujeito e Identidade na Análise do Discurso, bem como os trabalhos de Müller (2000) e Possenti (1998) sobre os homossexuais e o humor, respectivamente. Aqui não se objetiva apenas o aspecto linguístico da piada, mas seu funcionamento sócio discursivo. Pois é no âmbito da discursividade e produção dos sentidos que se constata a ação do humor, que se apropria das figuras e modelos de representação minoritária e lhes imprime estigmas e estereótipos, quase sempre depreciativos.

Palavras-chave: Estereótipo. Identidade. Sujeito. Humor

The (re)production of the stereotype on the joke: about the meanings of humor

Abstract: This work aims to make a reflection on the discursive process of production/reproduction of stereotypes about the homosexual subject

Elaine Maria Rocha é Doutora em Linguística e docente na Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

transmitted through the jokes. As a corpus, texts of jokes will be analyzed whose themes portray attitudes and practices related to a “gay way of life”. The analysis will be theoretically supported by the studies of Subject and Identity in Discourse Analysis, as well as the works of Müller (2000) and Possenti (1998) on homosexuals and humor, respectively. This work does not only focus on the linguistic aspect of the joke, but its discursive social functioning. For it is in the context of the discursivity and production of the senses that the action of the humor is verified, that it appropriates the figures and models of minority representation and it gives them stigmas and stereotypes, almost always depreciative.

Keywords: Stereotype. Identity. Subject. Humor

I. Introdução

Não é recente o uso que a sociedade tem feito do humor como instrumento para satirizar e questionar seus valores, manifestações sociais, seus símbolos e fatos históricos. Desse modo, a piada tornou-se um recurso ideal para se criticar, discordar, e até ridicularizar determinado tema sem correr o risco de comprometimentos posteriores, pois o riso atenua a seriedade de tal atitude.

Contudo, o discurso humorístico nem sempre se mostra de todo ingênuo; no momento em que se conta uma piada, esse discurso jocoso é atravessado por outros, *grosso modo*, preconceituosos, que se constroem coletivamente. É neste ponto que se inscreve o intento do trabalho ora exposto; lançar um olhar mais reflexivo sobre o processo de elaboração de uma identidade estereotipada do gay através das piadas.

Eis portanto, a questão proposta neste estudo: estariam as piadas sobre gays apenas legitimando um arquétipo de homossexual arraigado historicamente no imaginário coletivo ou é a representação ideológica discursiva de tais piadas que produz este modelo identitário? Uma vez considerando esta segunda possibilidade à questão levantada, teremos o subtexto das piadas como um mecanismo ideológico de poder que culturalmente molda a identidade de gênero em questão.

Como *corpus* desta pesquisa, serão analisadas piadas cuja temática seja a homossexualidade. A análise será referendada teoricamente pelos estudos do Sujeito e Identidade na Análise do Discurso, bem como os trabalhos de Marinho (2007) e Possenti (1998) sobre os homossexuais e o humor, respectivamente. Ressalte-se que, diferentemente da pesquisa de Possenti, aqui não se objetiva o aspecto lingüístico-analítico da piada, mas seu poder sócio discursivo. Pois é no âmbito da discursividade e produção dos sentidos que se constata a ação do humor, que se apropria das figuras e modelos de representação minoritária e lhes imprime estigmas e estereótipos, quase sempre depreciativos.

2. O alcance do humor: sobre o sério que há no riso

De início, queremos tecer relevantes considerações ao papel social do humor. Quando se atribui a este a condição de detentor de uma verdade, constata-se a inversão de propósitos deste tipo de manifestação lingüística; donde o risível dá lugar ao austero. Visto deste modo, parece ser o humor coisa muito séria, mesmo que à primeira

vista, quando se diz a alguém que se está estudando o humor aquela reação de estranheza risonha seja inevitável.

Mas como defende Possenti (1998), não cabe ao humor o papel de transformador da sociedade ou determinado segmento desta. “De fato, o humor tem apenas a obrigação de ser bom, tecnicamente”. O humor em geral, e as piadas em particular são um tipo de material interessantíssimo por várias razões: em primeiro lugar, as piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos. Assim, sociólogos e antropólogos poderiam ter nelas um excelente *corpus* para tentar conhecer (ou confirmar) diversas manifestações ideológicas, valores arraigados.

Nesse sentido, as piadas são uma espécie de sintoma, já que, tipicamente, são relativas a domínios discursivos “quentes”. (POSSENTI, 1998, p. 25). Além desta razão primeira, em seu livro, Sírio Possenti assinala outras características que tornam as piadas tão propícias aos estudos e análises. Uma delas é que as piadas quase sempre operam com o estereótipo, o que pode se justificar como mecanismo para facilitar a compreensão de sua mensagem a qualquer platéia ou simplificador do problema tratado na anedota. Contudo, uma outra particularidade conferida às piadas é que seu discurso está sempre na linha do não oficial, do que socialmente é proibido, são textos que violam os modos e as convenções do ser e do agir politicamente correto. Assim, o humor pode ser conservador, reacionário e porque não, crítico?

Para se chegar a esse nível de efeito no humor seu produtor tem à mão uma diversidade de mecanismos linguísticos. Dentre eles, a

ambigüidade é sem dúvida, o que mais se ajusta às estratégias comunicativas das piadas. Enquanto linguistas veem o uso da ambigüidade intencional como desnecessária dentro de outras formas de comunicação, o humor tem a liberdade para fazê-lo estrategicamente. Sobre o uso da ambigüidade numa perspectiva diacrônica Ferreira (2000), afirma: “O certo é que a ambigüidade servia sempre como instrumento de poder e manipulação, seja para acentuar o distanciamento entre o sujeito e o saber, seja para eliminar qualquer interferência entre a linguagem e o pensamento, garantindo a biunivocidade entre signos e ideias”.

Tomando esta ideia da ambigüidade como forma de poder e não apenas mais um recurso estilístico, nota-se ser este o modo como o humor articula seu discurso, produz suas imagens, conceitos e sentidos, por meio da incompletude, do sugerido, do não-dito. Ainda sobre o valor da ambigüidade na produção dos sentidos no humor a autora citada anteriormente escreve:

Ao tratar de problemas de significação, como a questão do sentido, a ambigüidade vai se colocar muitas vezes numa posição de fronteira com o linguístico, estabelecendo limites bastante difusos com outras noções vizinhas, como é o caso do *duplo sentido*, *da vagüidade* e *da ambivalência* (FERREIRA, 2000, p. 14).

Não se pretende aqui detalhar os conceitos de vagüidade e ambivalência, mas vale dizer de como é íntima a relação da ambigüidade com o intento do texto humorístico, pois à luz da Análise do Discurso, os efeitos de sentido produzidos na enunciação não estão prontos e tangíveis. Eles deslizam, transmutam e independem

da união emissor/receptor. Não importa se o estilo humor é mais, ou menos engajado. Suas técnicas de elaboração textual recorrem a processos lingüísticos que darão sentido a imagens, que gerarão modelos e personagens, quase sempre com um apelo ao caricatural e estereotipado.

3. Refletindo o estereótipo

Numa perspectiva etimológica, o termo estereótipo é a denominação para um tipo de placa metálica com caracteres fixos utilizada para a impressão em série. É uma palavra originariamente do jargão tipográfico que foi adquirindo uma conotação psicossocial. Mas como caracterizar o estereótipo no âmbito da psicossociologia? O termo remete para “uma matriz de opiniões, sentimentos, atitudes e reações dos membros de um grupo, com as características de rigidez e homogeneidade” (SIMÕES, 1985, p.207).

Para Gahagan (1980), “um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo (...) é provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito (...), mas não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional”. E acrescenta: “Um desses traços levaria então a inferência de outros traços (...)” (p.70).

Voltando à questão do humor anteriormente levantada, à luz de Possenti, em um outro trabalho seu sobre o humor o os estereótipos femininos, o autor vai relacionar a importância da estereotipação na produção de sentidos no universo do humor: Não se pode falar em discurso humorístico, por exemplo, sem considerar a relevância dos

estereótipos em seu funcionamento. Assim, entre outras coisas, se se quiser ler os discursos humorísticos como documentos, deve-se passar necessariamente pela questão de se saber em que medida os estereótipos representam também “verdades”. (POSSENTI, 2005).

Discutindo tais “verdades” dos estereótipos, porém na perspectiva da sexualidade, João Marinho em um artigo intitulado *Estereótipos, preconceitos e homossexualidade* (2007) aborda o tema dentro do movimento gay. De forma bem objetiva ele mostra a estreita relação triangular do estereótipo com o preconceito e o homossexual”. Diz respeito às imagens e conceitos uniformes que as pessoas associam erroneamente aos homossexuais, o que reflete uma “preguiça” de conhecer melhor a diversidade do nosso, por assim dizer, universo (...).”

O autor indaga ainda sobre uma formação machista e heterocêntrica que faz uso destas mesmas ferramentas para perpetuar todo um preconceito contra o diferente. Ele esclarece:

Estereótipo e preconceito estabelecem entre si uma dialética “biunívoca”. É impossível pensar um estereótipo sem preconceito e é impossível pensar um preconceito sem estereótipo. Um alimenta o outro. De fato, o estereótipo se origina de algum tipo de preconceito, que precisa criar imagens e conceitos – forçosamente errôneos porque carentes de fundamentos justos – que confirmam um desvalor ao grupo que dele sofre, para justificar o próprio preconceito e as ações concretas dele decorrentes (ao que chamo discriminação) (MARINHO, 2007).

Seguindo a esteira do pensamento de Marinho, verifica-se que o estereótipo se justifica no preconceito e vice-versa. Contudo, diante

do dialogismo das relações sociais, o estereótipo não atinge apenas os grupos identitários outsiders (vistos à margem do padrão aceito socialmente como normal), mas os próprios grupos identitários majoritários são vítimas dessa compreensão limitada da sexualidade. Uma vez tidos como “normais”, eles precisam se distinguir das minorias supostamente “anormais”. Daí se protegem em formas engessadas de representação de si; o que já se caracteriza como um novo estereótipo, como afirma o jornalista: “Os grupos majoritários/estabelecidos criam, assim, um contra-preconceito e se tornam vítimas de contra-estereótipos que os aprisionam, impedem de viver outras realidades e estreitam sua visão de mundo”.

A experiência dos homossexuais ilustra o que se dissera anteriormente, uma vez que o estereótipo de afeminado, a eles associado indistintamente, os inferioriza em relação àqueles de postura masculina, donde muitos se esforçam para apresentarem um perfil o mais fiel possível do modelo de masculinidade socialmente posto. Numa sociedade em que as identidades pessoais são definidas pela sexualidade e esta por sua vez, inteiramente normatizada, as práticas sexuais passam a ser do domínio dos grupos identitários estabelecidos.

Assim posto, quando o sujeito heterossexual forçosamente se masculiniza a fim de não se permitir comparar a um homossexual ou este o faz para não parecer feminino (traço tido como negativo socialmente), na verdade se está forjando uma identidade estereotipada em nome de um preconceito que molda as relações sociais.

4. É uma questão de identidade?

Para Kathryn Woodward (2000), a identidade constitui as posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Tais posições dão voz ao sujeito que se constrói através dos discursos e dos sistemas de representações. O processo da constituição identitária se dá inegavelmente por meio da diferenciação o que pressupõe uma relação de poder. Esta relação é marcadamente tensa; uma vez que sempre haverá forças opondo-se num determinado contexto e espaço.

Dito de outra forma, há em qualquer modalidade de relação social uma tentativa de subjetivação, de inscrever-se como sujeito livre de dominação. Ser livre de dominação confere um status de diferente e esta relação com a diferença é uma das plataformas sobre as quais se ergue a teoria da identidade. É a diferença que dá sentido às pessoas através das diferentes posições que lhes são dadas nas relações sociais. O sujeito que nela se constitui busca o que no outro lhe é diferente. Eis o ponto de presença do poder; pois são as formas de poder culturalmente impostas que vão definir o que está dentro e o que está fora:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar

a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Deste modo, deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. “A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder”. Os pronomes “nós” e “eles” aqui vão além da simples função gramatical; mas evidenciam o efeito das relações de poder nas posições-de-sujeito.

Também sobre identidade Bauman (2005, p. 84), afirma: “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado...”. O que se depreende do pensamento dos dois estudiosos supracitados é que o poder instituído determina a forma identitária supostamente válida na ordem do dia. Guiando-se por este “modelo normal” de identidade, as demais identidades são julgadas.

De acordo com Silva (2000), a identidade normal não é vista como uma identidade, mas como a identidade em face da insígnia que as formas de poder lhe atribuem. Assim como o pensamento de Silva, o do sociólogo polonês Bauman também aponta para a relação do poder na formação das identidades:

... a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente

estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade. (...) No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – (...) Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44).

Nos últimos dois séculos nossa sociedade tem privilegiado a sexualidade e assim as identidades sexuais ganharam maior visibilidade nos debates e estudos acadêmicos. Contudo, a identidade homossexual (objeto desta pesquisa) ainda está submersa em imagens e rótulos depreciativos cultivados historicamente nas diversas práticas sociais.

5. O texto da piada e seus efeitos de sentido

Em face do que fora anteriormente exposto acerca do humor, da identidade homossexual e do estereótipo, far-se-á então a análise de piadas em cujo objeto/temática são os homossexuais. É comum às piadas o uso de termos e expressões pejorativos e por vezes de mal gosto, mas até essa construção vocabular vulgar faz parte da pretensa imagem do homossexual que os textos das piadas geralmente veiculam.

I- Bicha estrangeira

Um forasteiro viajava de bicicleta pelo interior de São Paulo, quando chegou à pacata cidade de Campinas. Esfomeado, e com pouco di-

nheiro no bolso, chegou a um boteco e foi logo dizendo:

- Quero comer um americano, por favor?

A bichinha no balcão, de pronto respondeu:

- How are you, my friend??

A piada faz uso de um recurso linguístico clássico no humor que é a ambiguidade. Quando o personagem gay aqui ressignifica os vocábulos “comer” e “americano” dando-lhes respectivamente, uma conotação sexual e pessoalizada (longe do que se pretendia seu interlocutor), transfere à imagem do homossexual o estereótipo de alguém que pensa, age e vive em função do sexo. Assim, não vai perder a oportunidade de transar com o primeiro que lhe surgir. Um fato curioso, que poderia não ser notado numa primeira leitura desta piada é a utilização de elementos descritivos que dão o tom do inverossímil à situação narrada ao mesmo tempo que confirma a inconsistência desse modelo de homossexual construído no humor.

Quer dizer, há cena mais incomum do que a de um homem entrando num boteco numa cidade do interior do Brasil, dizendo que quer transar com um americano e do balcão ser saudado por um estrangeiro falando Inglês? Talvez esta seja a única parte ingênua na piada; o uso do irreal, do *nonsense* como pretexto ao riso ou será que nunca se é ingênuo no riso?

II- Bicha ascensorista

Primeiro dia de serviço da bicha, ascensorista no elevador. Nisso entra um sujeito com um charuto aceso, e a bicha diz toda delicada:

- Escute moço, não é permitido fumar no elevador, eu não posso

subir dessa forma.

O sujeito responde:

- Escute aqui, não é a primeira vez que eu fumo aqui, e não vai essa “bichinha” que vai me proibir.

- Sinto muito, não posso subir dessa forma, com o charuto aceso.

- Escute aqui imbecil, se você não subir agora, sabe onde vou enfiar esse charuto?

E a bicha responde:

- Não adianta me agradar, regulamento é regulamento.

É próprio desse tipo de piada o emprego do termo “bicha” (tema da piada) logo no título, o que geralmente não ocorre nas piadas com outras temáticas. Esta característica já demonstra o propósito depreciativo para com a figura do homossexual, visto a idéia de negatividade atribuída à palavra bicha. A piada reforça ainda uma imagem de fragilidade que se insiste em associar à identidade do homossexual. Como reforço ao estereótipo preconceituoso, o texto da piada se vale de uma espécie de metalinguagem, quando mostra uma personagem que despreza e humilha o gay.

A propósito da humilhação, que perfil mais escatológico de um homossexual que diante de uma situação de ofensas verbais a ameaça de uma iminente agressão física para com ele ainda consegue ver nisso a insinuação de uma paquera. Novamente, como na piada anterior, tem-se uma intenção identitária que só existe em função da prática sexual em si.

III- Bicha enlutada

Duas bichas se encontram.

- Você ficou maluca!?! - observa uma delas. - Ficar andando por aí vestida desse jeito, toda de preto! Que coisa mais tétrica!

- É que o meu pai faleceu! Estou de luto! - comenta a outra, choramingando.

- O seu pai morreu de quê?

- Febre amarela!

- Nossa! Que cor mais horrorosa!!

Duas características fortemente associadas aos gays estão presentes nesta piada: primeiro é o vocabulário bem peculiar; palavras como *tétrica* e *horrorosa* ganham toda uma conotação exagerada pela forma como são sugeridas no texto, assim como a forma feminina de tratamento entre os pares. Há um uso corrente, porém excessivo da troca do pronome de gênero. Seria intenção de aproximação da figura feminina? Segundo é a suposta personalidade fútil e narcisista do homossexual veiculada no humor. Enquanto um sofre com a morte do pai, o outro, insensível, se preocupa apenas com a aparência e as tonalidades do figurino. Essa imagem de alguém over, espalhafatoso e até leviano está quase indissociável do sujeito homossexual. É um modelo alicerçado na estrutura social machista e preconceituosa que detém o poder de impor este protótipo de identidade aos gays.

IV- Boato de bicha

Uma bicha chega ao reduto das bonecas e vai logo dizendo:

- Meninas... sabem o que fiquei sabendo através de uma revista de medicina americana?

E as outras ansiosas respondem:

- Não, conta pra gente!

E a bicha disse:

- Li no artigo que mulher está dando câncer.

E as outras abanaram a cabeça dizendo:

- Deixa de ser idiota, isso é boato. Não pode ser verdade!

E a primeira com risinhos diz:

- Que é mentira, é sim... mas podem sair espalhando esse boato por aí, meninas... quem sabe as coisas melhoram pra gente!

Finalizando esta análise, temos aqui o que parece ser o estereótipo mais comumente atribuído aos homossexuais de modo geral, que é esta associação imediata destes às mulheres. Há uma necessidade de se rotular que ser homossexual é querer ser mulher e consequentemente competir com as mesmas. Na verdade, torna-se uma relação que beira ao sexismo, em que quase sempre o objeto da disputa é um parceiro sexual.

Por fim, não apenas nesta, mas também nas piadas transcritas anteriormente se percebe uma atitude de malícia e astúcia por parte dos gays no que se refere a sair de situações embaraçosas, bem como em criá-las. Eis então, algo que pode ser visto como uma positividade no conjunto das marcas identitárias desse estereótipo de homossexual.

Considerações finais

Quer seja para tornar-se a todos acessível a compreensão ou como reprodutor dos discursos que circulam clandestinamente, o humor sempre tem à mão o estereótipo como provocador do riso. No caso do humor com o homossexual ele desenha uma identidade para esse grupo social que quase sempre se traduz numa atitude de desvalor para com aqueles sujeitos que a ele pertencem.

O indivíduo homossexual torna-se preso a uma identidade que lhe é imposta de forma preconcebida e vê-se tolhido de viver muitas vezes uma sexualidade plena e livre de limitações afetivas e sociais.

As limitações presentes nas relações homoeróticas são prejudiciais também aos indivíduos heterossexuais que precisam entrenchear-se em suas identidades convencionalmente “estáveis”; o que delimita sua visão prática da sexualidade.

Enunciar o homossexual como efeminado, frágil, pervertido e fútil tem sido uma regularidade no discurso humorístico. Este é sem dúvida um estereótipo que traz consigo uma discursivização sobre homossexual cujos efeitos incidem sobre a maneira como estes sujeitos vivem e constituem sua sexualidade enquanto prática social.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.
- GAHAGAN, J. *Comportamento Interpessoal e de grupo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.
- MARINHO, João. *Estereótipos, preconceito e homossexualidade*. 2007. Disponível em: <http://www.armariox.com.br>. Acesso em 10 de out. 2007.
- MATTOS, João. *Piadas de gays*. Coleção prelúdio nº 8. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SIMÕES, A. *Estereótipos relacionados com os idosos*. Revista Portuguesa de Pedagogia, XIX, 207- 234, 1985.
- WOODWARD, Kathryn. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.